

## Igrejas Ortodoxas na cidade de São Paulo: Discurso, Identidade Cultural e Fé na Metr pole

Felipe Beltran Katz  
mestrando da PUC-SP

### A- A Importância da Cultura:

A Igreja Ortodoxa, ou as Igrejas Ortodoxas, sofrem sem d vida nenhuma certa estranheza por parte de seus parentes cristãos ocidentais. Talvez os autores Ken Parry , David J. Malling, Dimitri Brady , Sidney H. Griffith e John F. Healey; em sua obra: “The Blackwell Dictionary of Eastern Christianity, possam elucidar melhor como se d  esta estranheza: “ *Para os Cristãos Orientais, “Oriental”   um termo que expressa as suas identidades e carregado de valores positivos. Oriente   a dire o das ora es , a localiza o bíblica do paraíso terreno , a fonte do nascente e da ilumina o do mundo, o quartel de onde vieram os Três Reis Magos, os primeiros gentios a procurar Cristo. Para os Cristãos Ocidentais, o termos “Oriental” pode carregar um senso de exótico , do remoto, do “outro”, aquilo que   fora do normal e normativo. As questões levantadas pelo “Orientalismo” foram até agora confinadas principalmente em discussões que concernem religiões e culturas não-Cristãs, mas Orientalismo pode afetar a percep o e estudo do Cristianismo Oriental. Quando os Ocidentais vem observar seus companheiros Cristãos no Oriente, eles normalmente exibem atitudes similares aquelas que eles exibem às culturas e religiões Orientais não-Cristãs: uma fascina o com o exótico ou uma presun o de superioridade, condescendida a uma realidade estranha vista com uma notável falta de empatia”<sup>1</sup>. Esta estranheza , ou talvez, esta falta de empatia que leva o Ocidente a lidar com culturas diferentes da sua ( não são a Igreja Ortodoxa , como todas as demais manifesta es culturais não-ocidentais), pode ser explicada por Stuart Hall na obra “Da Diáspora: Identidades e Media es Culturais”: “O multiculturalismo   também contestado por modernizadores*

---

<sup>1</sup> PARRY, Ken. MELLING, David J..BRADY, Dimitri. GRIFFITH, Sidney A.. e HEALEY, John. *The Blackwell Dictionary of Eastern Christianity*.. Oxford, Blackwell,1999. p.XIV (T.A.)

*de distintas convicções políticas. Para estes , o triunfo do universalismo da civilização ocidental sobre o particularismo de raiz étnica e racial , estabelecido o Iluminismo, marcou uma transição decisiva e irreversível do Tradicionalismo para a Modernidade . Essa mudança não deve jamais ser revertida”*<sup>2</sup>. Assim sendo, este olhar ocidental que encara outro de forma exótica e com uma *presunção de superioridade* seria o olhar do Moderno , da sociedade universal, sobre o Tradicionalista , aquele que está numa fase anterior.

No entanto, este “atrasado”, que vive do “tradicional” e sem “esclarecimento”, tem suas representações próprias e possui valores e questionamentos tão válidos quanto qualquer indivíduo da sociedade “universal esclarecida”. Paul Connerton , em sua obra “*Como as Sociedades Recordam*”, aponta como estas sociedades não tocadas pela “graça do Iluminismo”, podem não ser tão atrasadas quanto os universalistas imaginam: “*Nas religiões mundiais, mas também nos ritos de muitos povos sem escrita e em diversos rituais políticos modernos, existe uma gama de cerimônias que partilham certas características comuns: não se limitam a sugerir a continuidade com o passado, em virtude do seu grau elevado de formalismo e rigidez; pelo contrário , um de seus traços característicos é a reinvenção explícita de comemorarem tal continuidade*”<sup>3</sup>. Sem sombra de dúvida as Igrejas Ortodoxas estão incluídas na afirmação de Connerton. A sua complexidade nos impede de traçarmos qualquer tipo de valoração fechada acerca delas (isto por si só seria compactuar com o Iluminismo), sendo assim devemos compreender estas Igrejas pela sua própria experiência, entender seus horizontes, buscar os espaços de rupturas e permanências presentes nelas.

Essa multiplicidade encontrada nas Igrejas Ortodoxas é reforçada , e no caso aqui por conta da pesquisa , por sua localização na cidade de São Paulo, um local já conhecido por ser multifacetado. Assim temos Igrejas Ortodoxas diversas , encontradas num espaço diverso. Como analisá-las? Esta é uma boa pergunta. Stuart Hall, tratando da diáspora caribenha no Reino Unido , nos dá uma idéia: “*A manutenção de identidade racializadas , étnico-culturais e religiosas , é obviamente relevante à autocompreensão*

---

<sup>2</sup> HALL, Stuart e SOVIK, Liv (org.). *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009, p.53

<sup>3</sup> CONNERTON, Paul. *Como as Sociedades Recordam*. Oeiras, Celta Editora, 1993, pp.57-58

dessas comunidades. O fator da “negritude” é decisivo para a identidade da terceira geração de afro-caribenhos, assim como é a fé hindu ou muçulmana para a segunda geração de certos asiáticos. Mas certamente essas comunidades não estão emparedadas em uma Tradição imutável. Assim como ocorre na maioria das diásporas, as tradições variam de acordo com a pessoa, ou mesmo dentro de uma mesma pessoa, e constantemente são revisadas e transformadas em respostas às experiências migratórias”<sup>4</sup>. O caminho talvez seja este, apontar o que permanece nas Igrejas Ortodoxas, e o que se rompe, nas Igrejas Ortodoxas de São Paulo.

Dentro das Igrejas Ortodoxas, a questão do Rito é muito rica para podermos analisar as rupturas e permanências. Paul Connerton acerca dos ritos afirma: “Este tipo de leitura desenvolve-se enfatizando as formas como o ritual funciona para comunicar valores partilhados no interior de um grupo e para reduzir a dissensão interna. Segundo este ponto de vista, aquilo que os rituais nos dizem é como são constituídas a estabilidade e o equilíbrio sociais. Mostram-nos como o ethos de uma cultura e a sensibilidade moldada por este ethos, quando soletados para o exterior são articulados no simbolismo de algo parecido com um texto coletivo único”<sup>5</sup>. Vejamos com alguns trechos de entrevistas feitas com os membros do clero ortodoxo da cidade de São Paulo, como o Rito de cada Igreja pode ser entendido como um *texto único*, como também, o espaço onde a mudança no céu da Igreja acontece.

No depoimento do membro do clero da Igreja Católica Armênia, encontramos a seguinte afirmação: “A Igreja Católica é formada atualmente por vinte e duas Igrejas, que o Código Oriental, dizendo mais precisamente, o Código dos Cânones das Igrejas Orientais definem como Igrejas *suis juris*, palavras latinas que significam: de direito próprio. Naturalmente na unidade da fé, na unidade do governo do Santo Padre, na unidade dos Sacramentos, mas na diversidade dos Ritos, das línguas, da liturgia, da disciplina, e mesmo da espiritualidade”<sup>6</sup>. O que podemos notar com esta afirmação? Antes temos que compreender que a Igreja Católica Armênia é uma Igreja Cristã Oriental em comunhão com Roma, ou seja, tem o Papa católico como sua última

---

<sup>4</sup> HALL, Stuart e SOVIK, Liv (org.). *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009, p.63

<sup>5</sup> CONNERTON, Paul. *Como as Sociedades Recordam*. Oeiras, Celta Editora, 1993, p.59

<sup>6</sup> Entrevista realizada com um membro do clero da Igreja Católica Armênia de São Paulo no dia 9/3/2010

instância. Mas mesmos assim ela é considerada *suis jurs*, ou seja, tem uma grande autonomia dentro do escopo do cristianismo católico. E onde é que está autonomia se evidencia? No Rito. Portanto o aspecto de permanência se encontra na união com Roma, enquanto que o aspecto de ruptura se dá da língua ritual da Igreja Armênia: o Armênio Antigo. Caso semelhante se encontra na Igreja Russa Católica, também uma Igreja *suis juris* dentro do catolicismo.

No depoimento do membro do clero da Igreja Russa Católica encontramos: “Aqui é o (calendário) Juliano. Mas já o padre árabe que vem, ele já segue o calendário Gregoriano, e dá uma grande confusão. E as pessoas não tem como vim para se orientar. A única orientação que se tinha era do padre na missa, e o padre que morreu, padre João, ele com três palavrinhas, o sermão dele, a Homilia não ia mais que dez minutos. E ele com aquela vozinha ele tinha dois ou três pontos que ele insistia, e que formava as pessoas. O que não acontece se a cultura não é a russa.”<sup>7</sup>. Neste trecho está marcado o pertencimento de Igreja Russa Católica à uma comunidade maior, a Igreja Católica, evidenciada aqui pela existência de um padre árabe (da Igreja Católica Melquita) que atende a paróquia, mas encontramos alguns elementos que distinguem essa Igreja das demais pertencentes à Igreja Católica: o calendário Juliano e a “cultura russa”. Além disso, aparentemente, para o membro do clero desta Igreja, o fato do padre não ser russo compromete o entendimento dos fies do sermão.

Temos ainda no depoimento do membro do clero de Igreja Católica Ucraniana (também Igreja Católica *suis juris*) um apontamento em que o aspecto de ruptura e permanência é, de certa forma ambíguo. Somente para demonstrar a complexidade dessas Igrejas e de como elas trabalham com sua realidade. Segundo a resposta do membro clero da Igreja Católica Ucraniana, quando perguntado sobre a relação entre a Igreja Católica Melquita e a sua: “Eu creio, não conheço a Igreja Melquita, mas por exemplo, pelo estudo que eu fiz, é a mesma celebração da Divina Liturgia de São João Crisóstomo, então é uma Igreja irmã que a gente tem que conhecer, mais próximo. Então, o Rito é o mesmo. Eu creio que talvez a única distinção que vem a ser que a gente ainda celebra no Rito Ucraniano na linguagem mãe e eles já tem a mesma Divina Liturgia traduzida. Isso é o que já ocorre lá no Sul, ainda que na Igreja na Vila Bela,

---

<sup>7</sup> Entrevista realizada com um membro do clero da Igreja Russa Católica de São Paulo no dia 14/2/2010

*eu não especifiquei ainda, mas o que nos diz que no futuro breve é que essa Divina Liturgia ela seja traduzida, adaptada em português para que o povo que não entende possa ter uma noção de como ele está participando dessa celebração*<sup>8</sup>”. Antes devemos entender que a Divina Liturgia de São João Crisóstomo , é a base litúrgica das Igrejas Ortodoxas que é dividida com suas irmãs Igrejas Católicas *suis juris*. Assim sendo vejamos que intrigante. As últimas Igrejas citadas entendiam a preservação da língua ritual como essencial para a manutenção do *ethos* dessas Igrejas, o que ocorre aqui é o contrário. Para que a Igreja se mantenha é necessário que se traduza a Liturgia do ucraniano (“*linguagem mãe*”) para o português. .Realmente é fascinante.

O campo da cultura deve o estudado, qualquer tipo de contemplação que não o inclua no estudo das Igrejas Ortodoxas da São Paulo, comprometeria decididamente a pesquisa. Stuart Hall , sobre o trabalho de E. P. Thompson nos aponta para algo que não deve ser perdido de vista: “*Mas , ao destacar questões de cultura , consciência e experiência, e enfatizar o agenciamento , também rompeu decisivamente com certa forma de evolucionismo tecnológico, com o economicismo reducionista e com determinismo organizacional*”<sup>9</sup>. Estudar a Igrejas Ortodoxas e as Igrejas Ortodoxas em São Paulo é valorizar o seu *agenciamento* e é sem duvida romper com um *evolucionismo tecnológico* , pois elas são Igrejas, e francamente , já há muito tempo as Igrejas deixaram de ser , para os defensores do um universalismo e do esclarecimento, um espaço a ser considerado. Mas isto será analisado a seguir.

## **B- Para além de uma História teleológica:**

Acerca da idéia de um evolucionismo do homem provado aparentemente pela história , Immanuel Kant (1724-1804) filósofo Iluminista do século XVIII, tem alguns apontamentos: “*A história da natureza começa pelo bem , porque ela é obra de Deus; a história da liberdade começa pelo mal, porque ela é obra do homem. No que respeita ao indivíduo que , fazendo uso de sua liberdade, só pensa em si mesmo, houve perda*

---

<sup>8</sup> Entrevista realizada com um membro do clero da Igreja Católica Ucraniana de São Paulo no dia 16/6/2010

<sup>9</sup> HALL, Stuart e SOVIK, Liv (org.). *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009, p.125

desta por altura da mudança. No que diz respeito à natureza, preocupada em orientar o fim que reserva ao homem tendo em vista sua espécie, foi um ganho. O indivíduo tem portanto razão de inscrever à sua conta como o seu próprio erro todos os males que sofre... mas, ao mesmo tempo, como membro de uma espécie, tem razão para admirar a sabedoria da ordenação.”<sup>10</sup>. Como podemos constatar Deus está fora de questão no que diz respeito a conquista da liberdade humano. Este conceito é reforçado pelo comentário de Guy Bourdê e Hervé Martin em sua obra “*As Escolas Históricas*”, sobre Kant e seu conceito de *Aufklärung*, em alemão, esclarecimento, luzes, iluminação (um termo chave do Iluminismo). Segundo Bourdê e Martin: “*Quanto ao imediato, a espécie humana ainda não atingiu a “constituição perfeita”; está apenas “em marcha para a era das Luzes”. O tempo do Aufklärung não é evidentemente o paraíso reencontrado; parece-se mais com uma “idade da maturidade”, em que a espécie humana começa a libertar-se das tutelas, incluindo a dominação divina.*”<sup>11</sup>. A época de Kant ainda não atingiu a *maturidade*, pois segundo ele e a tradição Iluminista o homem ainda está sob tutela, ainda leva Deus em consideração. Teria sido Kant o culpado de retirar das Igrejas o papel de legitimar qualquer coisa? Talvez não. Mas a tradição Iluminista, da qual somos herdeiros diretos o fez.

Se o Iluminismo retirou a legitimidade do discurso religioso, porque colocou um *thélos* no “processo histórico” (religião= imaturidade, razão=maturidade), também nos trouxe o conceito de nacionalismo. Uma identidade comum entre grupos, de preferência não religiosos, que dividiriam um mesmo território. No entanto estes conceitos já existiam, talvez o conceito de *nacionalismo*, como entendemos hoje verdadeiramente fosse uma invenção Iluminista, mas identidades culturais já existiam. Mas ao que parece o *thélos* histórico impregnou as análises desse período, pois em sua obra “*Nações e Nacionalismos desde o 1780*”, Eric Hobsbawm trata justamente dessas questões acima, reproduzindo em certa medida Kant. Vejamos o que Hobsbawm afirma acerca dessas identidades culturais existentes antes de serem tocadas pela graça da “sociedade universal esclarecida”: “*O que precisamente constituía o protonacionalismo popular? A questão é muito difícil, pois implica a descoberta de sentimentos das*

---

<sup>10</sup> Citado em BOURDÊ, Guy e MARTIN, Hervé. *AS Escolas Históricas*. Lisboa, Publicações Europa-América, 2003, p.45

<sup>11</sup> Idem, p.47.

peças não alfabetizadas que formavam a maioria absoluta da população mundial antes do século XX. As idéias deste capítulo estão baseadas nos literatos que liam e escreviam – ou pelo menos alguns deles –, mas é claramente ilegítimo extrapolar das elites para as massas e dos alfabetizados para os analfabetos, mesmo que os dois mundos não sejam inteiramente separáveis e a palavra escrita tenha influenciado as idéias daqueles que apenas falavam.”<sup>12</sup>. Intrigante. Segundo Hobsbawm, o nome correto a ser dado a essas identificações culturais não Iluministas é: *protonacionalismo popular*. Protonacionalismo, seria algum tipo de nacionalismo em gestação, um nacionalismo tradicional, à espera de um esclarecimento para tornar-se (como que para um fim, um *thélos*) um nacionalismo verdadeiro. O popular é algo, como o autor propriamente afirma, ligado à uma comunidade não alfabetizada e, evidentemente longe de qualquer alcance de *esclarecimento*. Se seguirmos as palavras de Hobsbawm, concluiremos que o *protonacionalismo popular* é um movimento sem *Aufklärung*. Não teria legitimidade alguma, pois é anti-moderno.

Seria legítimo afirmar isso? Com toda a certeza não, se levarmos em conta as palavras de Edward Thompson em sua obra “*A Miséria da Teoria*”: “*O materialismo histórico emprega conceitos de igual generalidade e elasticidade- “exploração”, “hegemonia”, “luta de classes”- mais como expectativas do que como regras. E até categorias que parecem oferecer menor elasticidade- “feudalismo”, “capitalismo”, “burguesia”- surgem na prática histórica não como tipos ideais realizados na evolução histórica, mas como famílias inteiras de casos especiais, famílias que incluem órfãos adotados e filhos da miscigenação tipológicas. A história não conhece verbos regulares*”<sup>13</sup>. Poderíamos incluir entre os conceitos de generalidades: o “*protonacionalismo popular*” e o “*Aufklärung*”. Estes conceitos, como diz Thompson, seriam muito genéricos e elásticos e comprometeria o estudo das Igrejas Ortodoxas.

As Igrejas Ortodoxas seriam um espaço em que tanto a religiosidade e um tipo de identificação cultural que não foi influenciado pelo o Iluminismo se encontrariam. Para um historiador comprometido com o teleologismo histórico seriam espaços “anti-

---

<sup>12</sup> HOBBSAWM, Eric J.. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2008, p.65

<sup>13</sup> THOMPSON, Edward P.. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981, p.57

modernos”. Como podemos identificar essa relação entre identidade cultural e religião, que o Iluminismo separou, e que nas Igrejas Ortodoxas não existe claramente separação. Como foi dito acima, o Rito seria um indicio de como essa relação ocorre.

Em uma entrevista com um membro da Igreja Apostólica Armênia de São Paulo encontramos a seguinte afirmação: *“Então todos os domingos praticam, celebram a missa cantada em Grabar, em Armênio Clássico. E o Rito como um Rito Oriental, como um Rito próprio Armênio, com cultura armênia é bastante, digamos assim, dá motivo de inspiração ao ouvinte que está presente na missa, e nós temos muitos testemunhos quando realizamos casamentos, batizados, mesmo enterros além das missas dominicais, todos os brasileiros que assistem essa cerimônias admiravelmente expressam as suas adiminações e parabenizam a nós. E para um armênio, para cada armênio, é um motivo de orgulho manter essa tradição que até hoje a nossa comunidade...”*<sup>14</sup>. Assim sendo, é no Rito religioso que essa identificação cultural entre os Armênios de São Paulo ocorre. Para muitos Armênios a religião é algo legítimo e com toda a certeza, a identidade cultural não é proto-qualquer coisa. Mas esse tipo de experiência não seria privilegio somente dos ortodoxos armênios, na Igreja Católica Maronita de São Paulo (uma Igreja Católica *suis juris*) isto também ocorre, como nos apresenta um membro do clero daquela Igreja: *“O Rito é diferente, as orações são diferentes, e temos alguma coisa excepcional, que nenhuma outra tem: as palavras de consagração rezamos sempre em língua siro-aramaica, que era língua de Jesus Cristo mesmo.”*<sup>15</sup>. Interessante. A legitimidade da identidade cultural, falar o sírio-aramico, é reforçada pela legitimidade religiosa, o próprio Jesus Cristo falar essa língua, e vice-versa.

Sobre esses indícios apresentados através das análises das entrevistas com os membros do clero ortodoxo de São Paulo, podemos levar em conta a idéia de *experiência* de Edward Thompson e sua implicação na prática histórica. Segundo o autor: *“A pratica histórica, está acima de tudo, empenhada nesse tipo de dialogo, que compreende: um debate entre, por um lado, conceitos, ou hipóteses recebidos, inadequados ou ideologicamente informados, e, por outro, evidencias recentes ou*

---

<sup>14</sup> Entrevista realizada com um membro do clero da Igreja Apostólica Armênia de São Paulo no dia 8/2/2010

<sup>15</sup> Entrevista realizada com um membro do clero da Igreja Católica Maronita de São Paulo no dia 3/2/2010



*inconiventes ; a elaboração de novas hipóteses; o teste dessas hipóteses face às evidências, o que pode exigir o interrogatório das evidências existentes, mas de novas maneiras, ou um renovada pesquisa para confirmar ou rejeitar as novas noções; a rejeição das hipóteses que não suportam tais provas e o aprimoramento ou revisão daqueles que as suportam ,á luz desse ajuste.”<sup>16</sup>. Portanto, a experiência evidenciada dessas Igrejas nos mostra que a realidade dessas está muito além de qualquer tipo de história teleológica, ou qualquer tipo de teoria fechada.*

Talvez esse tipo de valorização de teorias fechadas e mais do que isso, conceitos que expõe um tipo de história teológica , das quais em certa medida , as Igrejas Ortodoxas não compactuam , teriam sua origem num tipo de pratica histórica eurocêntrica . Sobre este aspecto , Mary Louise Pratt em sua obra “*Os olhos do império :relatos de viagem e transculturação*” , sobre o mapeamento feito por europeus do mundo e a criação da Ciências Naturais, afirma : “*Evidentemente , o mapeamento associado às navegações também exerceu o poder de nomear. De fato , era no processo de nomear que os projetos religiosos e geográficos se combinavam, no sentido em que os emissários reivindicavam o mundo pelo batismo de marcos e formação geográficas com nomes eurocristãos . Mas mesmo assim , é certo que nomear característicos da história natural é mais diretamente transformador. Ele extrai todas as coisas do mundo e as recoloca numa nova estrutura de conhecimento cujo o valor repousa precisamente naquilo que a distancia do original caótico. Aqui, o nomear, o representar e o reivindicar são todos a mesma coisa ; o nomear dá origem à realidade da ordem.”<sup>17</sup>. Se levarmos essas afirmações em conta analisar as Igrejas Ortodoxas, que pertencem à uma experiência distante do que seria a “Europa Ocidental”, com elementos dessa mesma região , seria um equivocado.*

Lavando em consideração todas as afirmações podemos concluir que como as Igrejas Ortodoxas estão distantes do que seria uma história teleológica e eurocêntrica , e que ao contrario do que prega a *modernidade*, a religião para essas Igrejas é algo legítimo e está associada à um tipo de identidade cultural,elas seriam , talvez ,zeladoras

---

<sup>16</sup>THOMPSON, Edward P.. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro , Zahar Editores, 1981,p.54

<sup>17</sup> PRATT, Mary Louise.*Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, EDUSC, 1999,p.69

de uma lógica distinta , que aparentemente desapareceu. Se isto for afirmado, poderíamos concluir que a experiência das Igrejas Ortodoxas é estática, sem mudança. Mas isto seria algo duvidoso.

### **C- A Marca da Distinção:**

Até aqui as análises acerca das Igrejas Ortodoxas ficaram no campo da permanência. Foi apontado que essas Igrejas guardam , sem traumas, uma relação profunda entre identidade cultural e fé cristã, algo que a primeira vista, se perdeu no cristianismo ocidental, que nega qualquer legitimidade ao discurso religioso desde o século XVIII. Mas, como já comentado acima, afirmar que as Igrejas Ortodoxas são imutáveis e passíveis de qualquer influencia ou influenciar seria também não tratá-las como objeto histórico , que é permeado de permanências e ruptura. A multiplicidade das Igrejas Ortodoxas , no caso da pesquisa, sua estada em São Paulo e a época em que elas vivem fazem com que à todo o tempo elas tentem marcar a sua diferença , e é na diferença que se encontra a ruptura.

O trabalho de Hobsbawn apresenta as grandes *religiões mundiais* como concorrentes do nacionalismo do século XIX , por conta de seu *universalismo* e conseqüentemente sua imutabilidade. Segundo o autor: *“No entanto ,a religião é um cimento paradoxal para o protonacionalismo , e de fato também para o nacionalismo moderno, que comumente, a considerou com muita reserva (pelo menos nas suas fases mais militantes) como uma força que poderia desafiar o proclamado monopólio da “nação” diante da lealdade de seus membros. Em qualquer caso, as religiões genuinamente tribais normalmente operam em uma escala muito pequena para as modernas nacionalidades e resistem a abrir-se muito. Por outro lado , as religiões mundiais que foram inventadas entre o século VI a. C. e o século VII d.C. são universais por definição, e portanto pensadas para escamotear as diferenças étnicas , lingüísticas , políticas e outras.”*<sup>18</sup> Na continuação do texto Hobsbawn não compactua totalmente com a idéia que aponta as *religiões universais* contra o *nacionalismo*, mas

---

<sup>18</sup> HOBBSBWM, Eric J.. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro , Paz e Terra, 2008.p.83

apresenta que, muitas vezes, existe uma acomodação entre elas, pois como ele afirma levando em consideração a situação religiosa no Reino Unido: “*As Igrejas da Inglaterra e da Escócia são politicamente definidas , mesmo que a ultima represente o calvinismo ortodoxo*”<sup>19</sup>. Mas ainda assim isto não consegue abarcar o grau de multiplicidade que as Igrejas Ortodoxas em São Paulo podem produzir.

Assim sendo temos de nos reportar um pouco as realidades vividas por essas Igrejas em São Paulo , como muitos membro do clero dessas Igrejas apontam a comunidade vem diminuindo a cada dia , pois muitos fies se integram a outras religiões ou morrem devido a idade avançada. Logo as Igrejas Ortodoxas em São Paulo se encontram num dilema: voltar-se a permanência, e manter-se na mesma conduta, relacionando identidade cultural (armênia , maronita, grega, russa , ucraniana,etc.) e fé cristã ; ou voltar-se a ruptura , e abrir-se as uma comunidade “brasileira” maior. Este é o dilema atual das Igrejas Ortodoxas na cidade, que com certeza, tem raízes históricas profundas. Se neste momento estamos debruçados, em certa medida, nas rupturas , logo vejamos os casos em que ela ocorre.

De inicio falemos um pouco da situação da Igreja Ortodoxa Russa do Exílio na cidade de São Paulo, o gigantesco nome dessa denominação já denota uma ruptura, pois é um Igreja Russa fora da Rússia. Essa ruptura se deu depois da Revolução Russa, quando as comunidades russas fora da Rússia perderam contato com a Igreja central. Com o passar do tempo essa perda de contato tornou-se cisma e hoje a Igreja Ortodoxa Russa do Exílio é uma Igreja anti-ecumenica. Nas palavras de um membro do clero da Igreja Ortodoxa Russa do Exílio na cidade de São Paulo: “ *A Igreja Ortodoxa Russa, denominada do Exílio, ela se estabeleceu aqui desde mil novecentos e trinta, aliás, bem antes nos anos vinte ainda, já tinha uma comunidade após a Revolução Russa, vieram russos para cá. A primeira preocupação foi construir uma igreja, um templo, que foi construído aqui na Vila Alpina, em mil novecentos e trinta, e em trinta um foi sagrada e daí para frente já existia esta Igreja. Depois disso foram construídas várias outras em vários locais aqui, tanto em São Paulo como em outros Estados do Brasil. E a nossa Igreja Ortodoxa Russa, chamada do Exílio, ou Fora da Rússia, ela é autônoma, independente, ela não é autocéfala; e não mantém contatos, nunca manteve, e não*

---

<sup>19</sup> Idem,p.84

*mantém contatos com o Patriarcado de Moscou. Apesar de em dois mil e sete ter sido assinado entre a Igreja Ortodoxa Russa do Exílio que era encabeçada pelo metropolitano Lauro, uma ata de unificação com o Patriarcado de Moscou, mas muitas pessoas do clero e muitos bispos estavam também contrários a isso, mas no final acabou ficando só um bispo que encabeçou essa linha de não manter contato litúrgico com o Patriarcado de Moscou. E a nossa Igreja Ortodoxa Russa desde que ela se formou após a Revolução Russa ela não é ecumênica, ela não mantém contatos litúrgicos com outras Igrejas, nem a Católica Romana nem a Ucrânica Autocéfala, nem essas outras Igrejas denominadas Ortodoxas atualmente. Já manteve anteriormente, antes de alguma dessas Igrejas não entrarem para o Movimento Ecumênico, como a Grega antes de entrar... A Antioquina também, antes de ela fazer parte do Ecumenismo, nós mantínhamos contato litúrgico. Mas atualmente devido a essa tendência da maior parte deles já entrar nesse movimento, da união das Igrejas, o Movimento Ecumênico, a Igreja Ortodoxa Russa do Exílio não faz parte disso.”<sup>20</sup> . Está aqui uma ruptura entre a Igreja Ortodoxa Russa do Exílio e todas as demais Igrejas Ortodoxas, inclusive do Patriarcado de Moscou. Mas isto é uma mudança ocorrida independentemente da realidade paulistana, não é específico da cidade.*

Com relação a isso , uma nova afirmação do membro do clero da a nos aponta que: “(...)Mas com o tempo justamente pelo fato de as pessoas não falarem o idioma local, os padres principalmente já eram pessoas de meia-idade para cima, não tinham possibilidade de aprender já a língua fluentemente; e não faziam o trabalho com relação, digamos, aos brasileiros aqui tendo em vista o Brasil especialmente. Então os casamentos mistos colaboraram para que houvesse uma força centrífuga entre os paroquianos e... Quando se deu conta disso já era um pouquinho tarde, começamos a trabalhar nesse sentido. Hoje, sessenta por cento de nossos paroquianos são brasileiros. Os ofícios são celebrados em português, então nós temos hoje um reverso, nós temos brasileiros se convertendo. Quero dizer, tanto das religiões católicas quanto outras religiões, se convertendo à Ortodoxia, procurando a verdade. Porque acabaram ficando descontentes com aquilo que está acontecendo no mundo hoje. Procurando então, achando essa possibilidade na Igreja Ortodoxa, principalmente a nossa Russa,

---

<sup>20</sup> Entrevista realizada com um membro do clero da Igreja Ortodoxa Russa do Exílio de São Paulo no dia 24/2/2010

*que mantém uma diretriz mais rigorosa com relação, digamos, à essas leis fundamentais Ortodoxas. Hoje a comunidade não é grande, é pequena, não é tão grande quanto nos anos quarenta, cinqüenta, sessenta, mas continua viva e estamos aqui.*”<sup>21</sup>. Vejamos o que temos aqui. Mesmo com a diminuição dos fies *russos* muitos fies *brasileiros* estão freqüentando a Igreja , pois muitos “*acabaram ficando descontentes com aquilo que está acontecendo no mundo hoje*” e portanto buscam uma “*diretriz mais rigorosa* “, mais *Ortodoxa*. Para onde essa mudança vai levar a Igreja Ortodoxa Russa do Exílio de São Paulo? Ninguém sabe. Talvez seria interessante voltar lá daqui vinte anos e descobrir.

Sobre a Igreja Russa Católica de São Paulo , situação semelhante ocorre, segundo um membro dessa Igreja que é “brasileiro” (uma ruptura), “(Os fies) *Diminuíram, porque muitos casamentos são feitos na Igreja, mas só o casamento, depois vão pelo mundo. Batizados, poucos batizados, quero dizer, o futuro da comunidade não é ter uma comunidade de russos porque eles vão se integrando. Aqueles que estão batizados ali... Eu mesmo tenho um afilhado que foi batizada aqui, mas vai casar na Igreja Católica.*”<sup>22</sup> Assim sendo , por mais que os fies diminuam , devido aos casamentos, ainda sim o membro do clero que é “brasileiro” batizou o sobrinho na Igreja.

Quando analisamos a situação das Igrejas Ortodoxas em São Paulo, vemos que elas se adaptam de acordo com sua realidade e que muitas vezes o campo da ruptura e da permanência é incerto. Pois se pensarmos que a Igreja Ortodoxa é zeladora da identidade cultural de cada denominação, dentro da fé cristã, logo um “brasileiro” convertido a esta religião será não somente um cristão , mais um “russo-cristão”, um “armênio-cristão” um “ucraniano-cristão” . Logo, não há ruptura e permanência em si, elas dependem da experiência de cada indivíduo, de cada Igreja, em seu contexto e em sua época. . Edward Thompson , talvez explique isto melhor: “*A história não é uma fabrica para a manufatura da Grande Teoria, como um Concorde do ar global; também não é uma linha de montagem para a produção a produção em série de pequenas teorias. Tampouco é uma gigantesca estação experimental na qual teorias de*

---

<sup>21</sup> Idem

<sup>22</sup> Entrevista realizada com um membro do clero da Igreja Russa Católica de São Paulo no dia 14/2/2010

*manufaturas estrangeiras possam ser “aplicadas” , “testadas” e “confirmadas”. Este não é absolutamente sua função. Seu objetivo é reconstituir, “explicar” , e “compreender” seu objetivo: a história real.”<sup>23</sup>*

---

<sup>23</sup> THOMPSON, Edward P.. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro , Zahar Editores, 1981,p.57